



Ativos

CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 9 Edição 19 - Setembro de 2016

twitter.com/SistemaCNA
facebook.com/canaldoprodutor
instagram.com/cna_brasil

www.cnabrasil.org.br
www.canaldoprodutor.tv.br

COE da soja sobe nas praças do Sul e Cerrado

O Custo Operacional Efetivo (COE) da soja transgênica nas regiões do Cerrado e do Sul do País aumentou no primeiro semestre de 2016 frente ao mesmo período de 2015, segundo cálculos realizados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Nessa resultado foi considerada a compra de insumos das safras 2015/2016 e 2016/2017 nos seus primeiros meses dos respectivos anos.

Fungicidas e inseticidas foram muito representativos no COE nesse período. No entanto, em algumas regiões, os gastos com herbicidas superaram as despesas com inseticidas. Para todas as regiões analisadas pelo Cepea, houve retorno positivo sobre o custo operacional RRCO (Taxa de Retorno Sobre o Custo Operacional), com a região Sul se destacando, com retornos superiores a 50% em 2016.

A RRCO é o equivalente a receita bruta dividida pelo custo operacional efetivo. Este indicador representa o retorno obtido sob o montante investido. Por exemplo, como representado na figura 1, o produtor de Sorriso (MT) obteve o retorno de 37,8% sobre cada real investido na produção de soja na safra 2015/2016.

Em Sorriso, houve aumento de 11,69% no COE médio do primeiro semestre deste ano comparado com igual período do ano anterior, saindo de R\$ 2.301,40/hectare, em 2015, para R\$ 2.570,54/ha, em 2016. Especificamente, os componentes que mais influenciaram os custos operacionais nessa praça, tanto no primeiro semestre de 2016 quanto no mesmo período de 2015, foram fertilizantes e inseticidas. Em junho deste ano, segundo dados do Cepea, 71,7% dos insumos da safra 2016/2017 haviam sido comprados, ritmo superior ao observado na temporada anterior, quando 69,2% dos insumos haviam sido adquiridos nessa região mato-grossense.

Considerando-se uma produtividade média de 56 sacas/ha na região de Sorriso

para todo o período analisado, o RRCO médio dos primeiros seis meses de 2016 foi 37,8%, superior ao de 2015 (21%). Isso aconteceu devido ao aumento de 27,21% no preço médio da saca de soja no período analisado, saindo de R\$ 49,74 no primeiro semestre de 2015 para R\$ 63,27 no mesmo período de 2016.

A região de Primavera do Leste (MT) também registrou aumento no COE no primeiro semestre de 2016, totalizando R\$ 2.892,17/ha, 7,6% maior que os R\$ 2.688,84/ha obtidos em 2015. A mesma tendência de gastos com fertilizantes e inseticidas de Sorriso foi observada em Primavera. Entretanto, o ritmo de comercialização estava em 50% até o final do primeiro semestre, enquanto no mesmo período do ano passado alcançava 67,5%.

Na primeira metade de 2016, a Praça de Primavera do Leste teve RRCO médio consideravelmente maior que no mesmo período do ano passado, de 28,5% contra 8,5%. Esse resultado esteve atrelado ao aumento médio de 27,4% no preço da saca de soja, que saiu R\$ 53,06 na média dos seis primeiros meses de 2015 para R\$ 67,58 no mesmo período de 2016.

Dentre as regiões acompanhadas no Cerrado, Rio Verde (GO) registrou os menores COE tanto no primeiro semestre deste ano quanto no mesmo período de 2015, de R\$ 1.996,70/ha no ano passado e de R\$ 2.159,29/ha em 2016, aumento de 8,1%. Embora fertilizantes e inseticidas ainda tenham se mantido como os principais custos, a região também apresentou gastos significativos com outros químicos (adjuvantes e óleos).

O retorno sobre o custo operacional em Rio Verde também foi o maior dentre as praças do Cerrado, ficando em 55,8% para cada real investido, contra 41,4% em 2015. Analisando-se a região Sul, Carazinho (RS) obteve aumento de 12,5% no COE, indo de R\$ 2.048,66/ha nos primeiros seis meses de 2015 para R\$ 2.305,36/ha no mesmo período de 2016. Os principais participan-

tes no COE da região foram fertilizantes e fungicidas, sendo este último devido à pressão de ferrugem. O ritmo de aquisição de insumos na região atingiu níveis iguais nos dois períodos analisados, de 33%.

Devido à produtividade de 63 sacas/ha, o RRCO foi bastante positivo nos primeiros semestres de 2015 e de 2016, ficando em 79,4% e 98,5% respectivamente. Vale ressaltar que, das três regiões analisadas no Sul, a projeção mostra que Carazinho atinge o maior retorno.

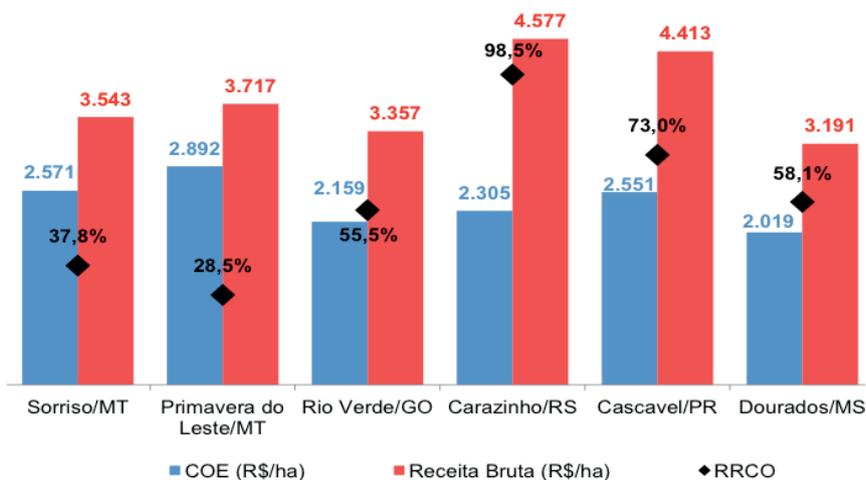
No Paraná, a região de Cascavel apresentou o maior COE médio dentre as praças do Sul do País no primeiro semestre de ambos os anos, ficando em R\$ 2.187,85/ha em 2015, atingindo R\$ 2.550,61/ha, em 2016. As compras de insumos estão mais adiantadas neste ano, com 77,5% de insumos comprados até o final de junho, contra 65% no mesmo período de 2015.

Com a produtividade atingindo 62 sacas/ha em Cascavel, o retorno sobre cada real investido na oleaginosa foi de 62,4% no primeiro semestre de 2015 e de 73,03% no mesmo período de 2016. Isso porque o preço médio na região aumentou 24,21% entre os períodos citados acima, indo de R\$ 57,31/saca para R\$ 71,18/saca.

O COE da região de Dourados (MS) foi de R\$ 2.018,96/ha no primeiro semestre de 2016, valor 7,7% maior que no mesmo período do ano anterior. A comercialização está mais adiantada na região, na comparação entre o primeiro semestre de 2015 e igual período de 2016, subindo de 50% para 60%. Além de fungicidas e inseticidas, os herbicidas participaram consideravelmente do COE, com uma média de 14,29%.

O RRCO da região também é alto, já que o produtor sul-mato-grossense recebe 58,06% a mais para cada real investido na soja transgênica, segundo a projeção para a safra 2016/2017. Esse retorno é 54,17% maior que o recebido pelo produtor no primeiro semestre de 2015.

Figura 1 - COE, Receita Bruta e RRCO da soja no primeiro semestre de 2016



Fonte: Cepea e CNA, 2016.

Clima desfavorável derruba produtividade do milho 2ª safra

Após sucessivos recordes com a produção do milho segunda safra, a temporada 2015/2016 foi fortemente prejudicada pelo clima e marcada como uma das piores produtividades dos últimos dez anos.

O fenômeno El Niño foi registrado do Sul ao Norte do Brasil, provocando condições climáticas adversas, como excesso de chuva no Paraná e Mato Grosso do Sul, falta de chuvas nas principais regiões produtoras do Nordeste e Norte, além de precipitações irregulares nos estados de Goiás e Mato Grosso durante a safra de verão. Para a segunda safra, a chuva de outono foi interrompida mais cedo que o observado nas últimas cinco safras – muitos produtores reportaram que não se registrou chuva a partir do fim de março.

Com relação a Goiás e Mato Grosso, o semeio da soja enfrentou atraso devido à falta de chuvas regulares no final do quarto trimestre de 2015, o que, por sua vez, atrasou a introdução do milho dentro da janela ideal de produção na safra 2015/2016. Assim, muitos produtores estenderam o plantio do milho até março, sofrendo perdas com a escassez de chuva a partir de abril, o que prejudicou o desenvolvimento das lavouras do cereal.

Em Mato Grosso, as perdas foram maiores nas regiões de Querência e Primavera, sendo que, no primeiro caso, a produtividade foi de apenas 25 sacas/ha, com perdas de 70% sobre a expectativa inicial, e, na segunda região, o rendimento foi de 50 sacas/ha, com diminuição de 57%. Em Sorriso, a produtividade final ficou em 80 sacas/ha, e, mesmo não sendo um índice tão baixo, ainda representou quebra de 20%

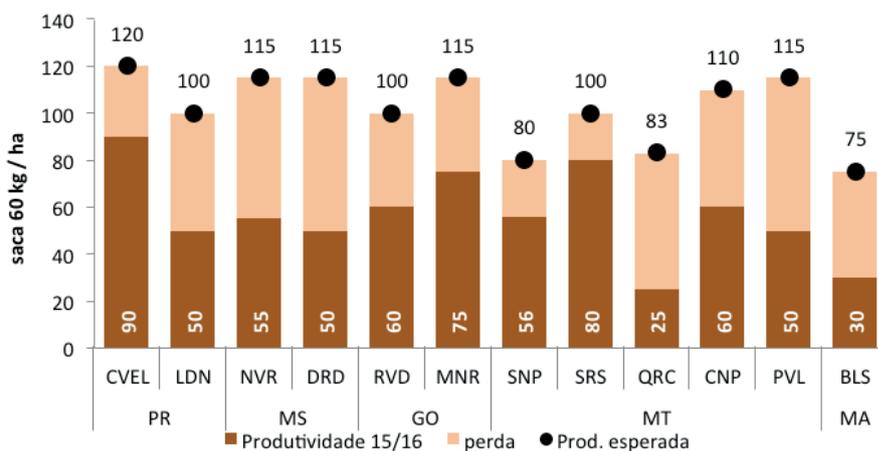
sobre o investimento esperado. Em Goiás, as reduções ficaram próximas a 37%, com produtividades finais variando entre 60 e 75 sacas/ha.

Nas regiões paranaenses de Cascavel e de Londrina e nas sul-mato-grossenses de Dourados e Naviraí, o milho segunda safra sofreu com excesso de chuva durante o período do semeio, com muitas lavouras sendo semeadas fora da janela ideal de produção. Em seguida, as lavouras de milho foram afetadas pela forte seca em abril, o que prejudicou a floração e o enchimento do grão. Outro problema climático apontado foi a geada em junho, que danificou as lavouras semeadas fora da janela ideal. Em julho, fortes ventos e granizos foram registrados nas regiões paranaenses, resultando em lavoura acamadas.

No Paraná, o clima castigou muitos mais as lavouras de Londrina do que as de Cascavel. Na primeira, a produtividade fechou em 50 sacas/ha, quebra de 50% sobre o esperado. Já em Cascavel, a produtividade foi de 90 sacas/ha, com redução de 25% sobre a expectativa, sendo que as lavouras mais afetadas foram às tardias. Em Mato Grosso do Sul, as produtividades ficaram entre 50 e 55 sacas/ha, representando perda em torno de 55% sobre o planejamento inicial.

Nas regiões de Balsas, o clima seco desestimulou o plantio do milho 2ª safra, reduzindo a área de plantio. Além disso, houve corte em adubação devida à baixa expectativa de produção. No Maranhão, o clima seco resultou em quebra de 60%, com produtividade final de apenas 30 sacas/ha.

Figura 2 - Produtividade esperada, perda e produtividade da safra 2015/2016



Fonte: Cepea e CNA, 2016.

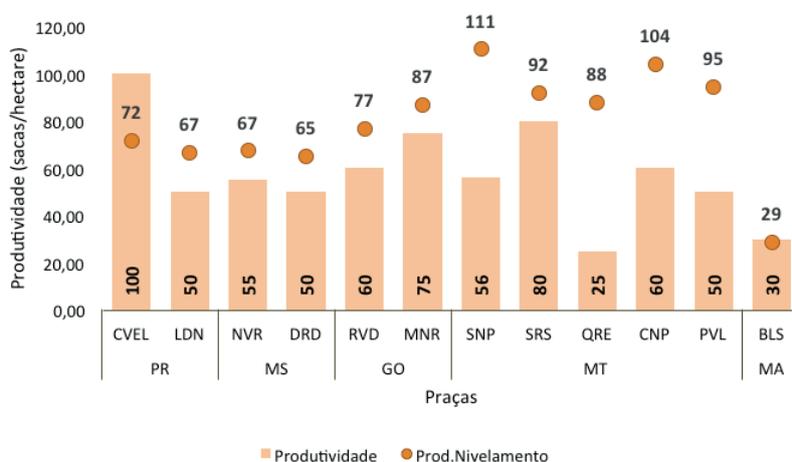
Custos e Perdas

Com relação aos custos para o Milho 2ª safra, as perdas de produtividade afetaram de forma significativa o resultado financeiro do produtor. Para avaliar a situação, foram considerados os dados obtidos em Painel no Projeto Campo Futuro, pelo Cepea, em parceria com a CNA, onde foram estabelecidas propriedades típicas regionais e seus respectivos resultados para a

2ª safra do milho GM. Apenas Cascavel (PR) e Balsas (MA) conseguiram cobrir o Custo Operacional Efetivo (COE) com a produtividade obtida na safra. Cascavel (PR) conseguiu uma produtividade próxima à esperada, num cenário de preço elevado, o que ajudou a remunerar o COE de forma satisfatória. Já Balsas (MA) obteve resultado satisfatório devido ao baixo

investimento realizado para safra, e, também, pelo fato de o preço de venda ter sido favorável. O pior resultado ocorreu em Querência (MT), onde a propriedade típica da região produziu 25 sacas/ha e a produtividade de nivelamento para cobrir o COE foi de 88 sacas/ha, ou seja, um prejuízo de 63 sacas/ha sobre o COE.

Figura 3 - Produtividade e Produtividade de nivelamento para cobrir o COE, do milho 2ª Safra em GO, MG, MS, MT, PI, PR



Fonte: Cepea e CNA, 2016.

COE do feijão das águas apresenta forte alta no Cerrado e no Sul

Produtores de feijão das principais regiões do País já têm sentido o peso do aumento dos custos de produção nas compras de insumos para a próxima safra das águas. De acordo com projeções elaboradas pelo Cepea, o Custo Operacional Efetivo (COE) do feijão das águas apresentou forte alta na comparação entre a safra 2015/2016 e a próxima temporada 2016/2017. Para esse resultado, o Cepea analisou três praças produtoras: Cristalina (GO), Unai (MG) e Castro (PR).

As projeções realizadas mostram aumento de 36% no COE de Cristalina, de 30% em Unai e de 28% em Castro. Com o aumento previsto na área plantada em decorrência da expressiva alta do preço do produto, a demanda por semente cresceu. A maior procura somada à baixa oferta do insumo elevaram fortemente as cotações deste item, encarecendo os custos.

As sementes se valorizaram 160% em Cristalina, 143% em Unai e 127% em Castro. Considerando-se os custos levantados em painel pelo Cepea, os preços negociados

em 2015 para o quilo da semente de feijão eram de R\$ 6,00 em Castro, de R\$ 4,50 em Cristalina e de R\$ 5,00 em Unai. Para as compras da próxima safra, os valores atuais são de R\$ 13,64, em Castro, R\$ 11,72 em Cristalina; R\$ 12,13 em Unai.

No Cerrado, além dos custos elevados, a volatilidade do valor de venda do feijão e a possibilidade de atraso no plantio da safra devido à escassez de chuvas (prevista para setembro e outubro no Centro-Oeste do País) preocupam produtores. Por outro lado, os altos patamares de preços do grão mantêm positivas as expectativas.

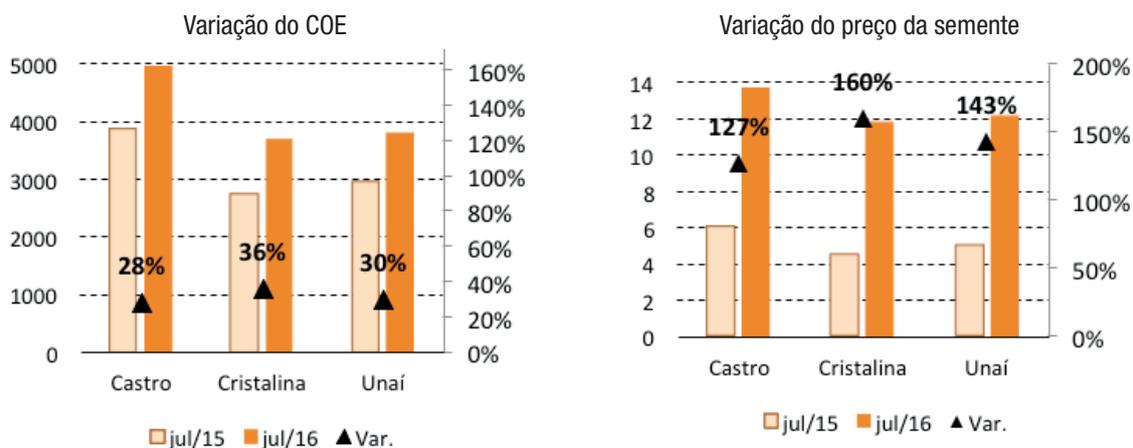
O Cepea realizou uma projeção do preço de nivelamento da saca de feijão, ou seja, o valor necessário para cobrir os custos com os desembolsos do COE. Para esse cálculo, foram consideradas as produtividades médias de cada uma das três regiões em análise.

Para a safra 2016/2017, na região de Cristalina, considerando-se a produtividade de 35 sacas/ha, seria necessário negociar

o feijão a um preço médio de R\$ 105,68/ha de 60 kg para cobrir o COE, calculado em R\$ 3.698,73/ha. Para a região de Castro, considerando-se produtividade típica de 40 sacas/ha e COE de R\$ 4.950,87/ha, seria preciso comercializar o feijão ao valor médio de R\$ 123,77/saca. Na região de Unai, com produtividade média de 35 sacas/ha, seria necessário vender a produção a um preço médio de R\$ 108,88/saca para cobrir o COE projetado de R\$ 3.810,77/ha.

Segundo dados da Conab, os preços médios da saca de feijão no Estado do Paraná, e em Uberaba (MG) atingiram R\$ 250,00 e 292,00, respectivamente. No entanto, recomenda-se cautela ao produtor, exigindo do mesmo um planejamento sólido, antes de adquirir dívidas para cobrir os custos nos desembolsos da safra. Vale lembrar que em locais como Castro (PR), a produtividade típica não foi atingida em 2016, devido ao excesso de chuvas no desenvolvimento da cultura e na colheita.

Figura 4 - Variação do COE e variação do preço da Semente entre jul/15 e jul/16 nas regiões de Cristalina, Castro e Unai



Fonte: Cepea e CNA, 2016.

Plantio de trigo é finalizado no Sul

Com menor ocorrência de chuvas e geadas em julho, produtores de trigo do Sul do País aproveitaram a oportunidade para finalizar o plantio do cereal.

Na região de Passo Fundo (RS), o clima estável no início do mês fez com que produtores avançassem consideravelmente as atividades. As paralisações pontuais no plantio ocorreram devido a chuvas, mas estas precipitações acabaram sendo benéficas para o trigo, visto que proporcionaram a umidade necessária para um bom desenvolvimento da cultura. O plantio na região gaúcha ocorreu de forma tranquila, sem problemas com doenças e/ou pragas, sendo concluído no fim de julho.

No Paraná, o tempo firme também favoreceu as atividades na região de Ponta Grossa. No início de julho, 10% da área estimada havia sido cultivada e, na segunda semana do mês, avançou para 75%, segundo indicações de colaboradores do Cepea. Já a terceira semana de julho foi marcada por chuva e granizo, fazendo com que a finalização do plantio fosse postergada para a última semana do mês.

Na região de Guarapuava (PR), o semeio do trigo evoluiu principalmente na segunda semana de julho, quando 80% da área já tinham sido completadas. Com ocorrência de chuvas e geada, a conclusão do plantio só ocorreu na última semana do mês.

No noroeste e oeste do Paraná, a ocorrência de chuvas em julho beneficiou o desenvolvimento das lavouras, sendo que a maioria está em estágio de floração. Com a umidade, casos de mancha foliar foram identificados nessas regiões, sendo necessária uma segunda aplicação de fungicida.

No geral, as lavouras de trigo recém-plantadas no Paraná apresentam bom desenvolvimento. Até o final de julho, nenhuma doença e ou praga havia sido observada na cultura, o permitindo que os produtores planejassem aplicações preventivas de defensivos para o início de agosto. 🌱